

DO TÉCNICO-PROFISSIONAL AO DOCENTE: UM ESTUDO (AUTO)BIOGRÁFICO SOBRE “TORNAR-SE PROFESSOR”

O caminho da pesquisa

Santos Neto (2006) apresentou os passos com os quais tem trabalhado, com educadores, a construção de percursos autobiográficos. Num trabalho que envolve ao mesmo tempo o trabalho individual e o trabalho em grupo, ele sugere 14 etapas:

1. *Estudar com o grupo de educadores os fundamentos epistemológicos e sociopolíticos do trabalho com (auto)biografias (Encontro 1);*
2. *Apresentar as perguntas provocadoras da construção (auto)biográfica: Como me tornei o educador que sou hoje? Como elaborei as idéias que tenho sobre educação? Que problemas e desafios estão postos hoje para mim como educador? Que direção quero imprimir em minha prática pedagógica e formativa a partir da reflexão que fiz sobre meu itinerário formativo? (Encontro 1);*
3. *Fundamentar para o grupo de educadores a importância da articulação entre o trabalho individual e o trabalho coletivo em pequenos grupos. Mostrar também a importância da escrita e do registro (Encontro 2);*
4. *Apresentar as etapas que serão percorridas entre o primeiro momento da elaboração do esboço da trajetória formativa e o último momento no qual se apresenta, em um texto, a reflexão final, individual, a partir das perguntas provocadoras e no qual também há o empenho para identificar alguns aspectos gerais que expliquem o processo formativo daquele conjunto de educadores (Encontro 3);*
5. *Definir os eixos temáticos em torno dos quais os sujeitos organizados em grupos deverão construir suas (auto)biografias (Encontro 3);*

6. *Trabalho individual: 1. Responder à pergunta: Que problemas e desafios estão postos para mim hoje como educador? 2. Construir uma linha do tempo, do presente para o passado, procurando identificar os eventos mais significativos para o seu processo formativo dentro do eixo temático no qual você está trabalhando. Neste eixo você também já vai identificando seus momentos-charneira.*

7. *Trabalho em grupos organizados pelos eixos temáticos escolhidos: partilhar, com os demais participantes de seu grupo, as respostas à pergunta provocadora anteriormente apresentada e também a linha do tempo construída por você. (Encontro 4)*

8. *Trabalho individual: a partir da partilha do grupo redigir um relato de sua trajetória formativa apoiado na linha de tempo que você construiu. Apenas relate sem ainda a preocupação de uma análise aprofundada. Não se esqueça de identificar e descrever os momentos-charneira e de mostrar as direções de seu comportamento neles.*

9. *Apresentar aos grupos algumas ferramentas teóricas possíveis de serem utilizadas para a análise dos relatos (auto)biográficos. Acolher sugestões de referências teóricas que eles tragam para a análise. Buscar identificar, com o grupo, outras referências de acordo com a necessidade específica (Encontro 5);*

10. *Trabalho individual: Realizar uma análise de sua trajetória formativa a partir de seu relato. Faça uso das referências teóricas que trouxemos à discussão. Procure responder, com fundamento crítico e argumentativo, às perguntas: Como me tornei o educador que sou hoje? Como elaborei as idéias que tenho sobre educação?*

11. *Trabalho em grupos: partilha das análises individuais realizadas com vistas a aprofundamento e busca de elementos comuns. (Encontro 6)*

12. *Trabalho individual para responder à pergunta: Que direção quero imprimir em minha prática pedagógica e formativa a partir da análise e reflexão que fiz sobre meu itinerário formativo?*

13. *Trabalho em grupos: partilhar das respostas à pergunta provocadora anterior. Buscar identificar e discutir alguns princípios explicativos gerais que possibilitem compreender o processo formativo deste grupo de educadores tomando como ponto de partida as respostas a que cada um chegou. (Encontro 7)*

14. *Avaliação final do trabalho num primeiro momento com a elaboração da mesma de forma individual e depois, num segundo momento, com a partilha no grupo. (Encontro 8)*

Fiz uma adaptação a esta proposta de trabalho de Santos Neto, uma vez que eu não iria trabalhar de forma coletiva, mas sim de modo individual. A proposta que daí resultou e que assumi como procedimento de pesquisa na minha Dissertação de Mestrado foi a seguinte:

- Explicitar os fundamentos teóricos para o estudo do Ensino Superior Brasileiro e do Curso de Ciências Contábeis;
- Rever os fundamentos teóricos para a concepção de educação, de formação profissional e de coerência ética;
- Assumir como questão motivadora central a seguinte pergunta, expressa na Introdução deste trabalho:
 - o O que os documentos oficiais do MEC e da Categoria Profissional (CFC e respectivos CRC's) dizem sobre a formação do profissional de Ciências Contábeis?
 - o Assumindo uma perspectiva de pesquisa autobiográfica ao examinar minha trajetória formativa, como se deu a minha constituição como um professor formador na área de Ciências Contábeis? Quais foram as dificuldades? Quais os fatores facilitadores? Como foi construído o meu saber docente?
 - o Qual o lugar que a pesquisa ocupou neste itinerário formativo?
 - o A pesquisa, como princípio pedagógico, tem sido utilizada em minha prática, como professor da área de Ciências Contábeis? Em caso positivo que repercussão isto tem tido entre os alunos?
 - o A partir da análise das respostas às perguntas acima é possível sugerir algumas pistas à formação de professores de Ciências Contábeis?
- A partir desta problematização, traçar a Linha do Tempo de minha trajetória formativa com o destaque no eixo temático da pesquisa e da prática pedagógica, procurando ressaltar os eventos principais ou os momentos *charneira*, como sugere Antonio Nóvoa, isto é, momentos em que minhas escolhas provocam uma mudança significativa de rumo em minha existência pessoal / profissional;
- Redigir o relato a partir da Linha do Tempo;
- Fazer uma análise do relato com o auxílio dos teóricos assumidos como referências no início deste trabalho;
- Buscar responder às perguntas assumidas por mim como perguntas de pesquisa.

O estudo (auto)biográfico permite, a quem o elabora, uma re-visão sobre a sua trajetória formativa, propiciando novas reflexões sobre os fatos passados, e portanto novas tomadas de decisões para futuros atos. No caso específico deste trabalho, o estudo de minha trajetória formativa se propôs a analisar as problemáticas da prática pedagógica e da pesquisa.

Gadotti (2004) nos revela que

as narrativas autobiográficas estão se tornando cada vez mais importantes como matrizes pedagógicas de formação. O que aprendemos com nossos pais? Como aprendemos a ler, a escrever, com quem? Onde e como adquirimos os valores que estão guiando nossas vidas? A obra de Paulo Freire ilustra bem esse fato: está toda entrelaçada por relatos autobiográficos¹⁵. Quando ele fala de educação, invariavelmente, fala da sua educação, da educação que teve e que estava tendo. Por isso podia falar da educação em geral. Introduzir narrativas de vida dos educadores no currículo é introduzir vida nas nossas instituições escolares.

Ele revela que o *método biográfico e autobiográfico* está sendo utilizado com muito mais frequência na Educação, a partir de 1980, na *formação continuada dos docentes*. Freire ([1996] 2000) nos ensina que nela,

o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Uma trajetória formativa

A partir deste momento, compartilho com você, leitor, o meu relato (auto)biográfico, os fatos que se tornaram marcantes na minha trajetória formativa. O trabalho de recuperar a minha memória formativa levou-me à busca de fotografias e documentos que pudessem avivar as lembranças do caminho percorrido. É importante frisar que, pessoalmente ou no contato dialogal com outras pessoas, estas fotografias e documentos tiveram grande importância no sentido de facilitar minha pesquisa (auto)biográfica.

¹⁵ Grifo do Autor.

Eu nasci na cidade de Tanger, Marrocos, em 1943, portanto, durante a 2ª Guerra Mundial. Meu pai, Vidal Benadiba era marceneiro, autônomo, desenhava e confeccionava móveis sob encomenda, com detalhes torneados e / ou feitos a mão, em *madeira de lei*¹⁶, que se destinavam, em sua maioria, a pessoas de alto poder aquisitivo. Minha mãe, Mercedes Barcessat Benadiba era fotógrafa numa loja especializada. Naquela época, essa era a designação para quem revelava as fotos (clichês). Após o meu primeiro ano de idade, novamente grávida, ela deixou o trabalho para se dedicar ao lar. Tenho dois irmãos, Samuel e Yudah, e uma irmã, Sol, todos nascidos em Tanger, Marrocos.

As leis do país davam a nacionalidade marroquina aos nascidos no seu território, porém os que não eram muçulmanos eram considerados *europeus*.

Até a idade de 12 anos, quando tivemos de sair do país, tive a oportunidade de freqüentar duas escolas francesas. Elas seguiam a rotina e o regime interno das escolas da França, sendo os professores, na sua maioria, franceses. Com quatro anos, em 1947, ingressei na *École des garçons e filles Adrien Berchet*¹⁷. O horário das aulas era das 8 às 12 horas, almoçava em casa e retornava à escola das 13 às 17 horas. Os mestres praticavam o castigo físico (batiam na palma da mão com a régua), além de mandar ficar em pé, de frente para a parede, por longos períodos de tempo. O ensino era rigoroso, pois me lembro de que quando o professor falava, os alunos deviam prestar o máximo de atenção, porque se fossem argüidos e não soubessem responder corretamente, eles seriam castigados. Deste período, só ficaram em mim as lembranças de medo e de apreensão. Em termos de concepção educativa, devo ressaltar que as minhas primeiras aulas devem ter sido contagiadas por este autoritarismo, o que, aos poucos, fui abolindo da minha prática pedagógica.

Falávamos espanhol em casa, porém, no momento em que as lições de casa eram feitas, a minha mãe se comunicava conosco em francês. Estas lições compreendiam: ditados, exercícios de gramática, de matemática e leitura. Isto era conduzido por mamãe de uma maneira amorosa, uma vez que o propósito era aprender.

¹⁶ Este termo era utilizado para designar madeiras finas como: imbuia, canela, marfim, entre outras. Nota do Autor.

¹⁷ Escola de Meninos e Meninas Adrien Berchet. Nota do Autor.

A situação econômica do país, em 1954, começou a ficar insuportável: o meu pai não conseguia mais pedidos de novos móveis e não havia empregos, pois as fábricas, tanto francesas como espanholas e de outras nacionalidades, estavam fechando e retornando ao seu país de origem. O povo árabe estava reclamando a volta do rei¹⁸ que tinha sido exilado e com isto, ninguém sabia o que poderia acontecer, caso ele voltasse ao país para continuar o seu reinado. Portanto, espanhóis e franceses saíram em massa para os seus países de origem.

Em 1955, ingressei no *Licé Reignaut*¹⁹. Devo salientar que no liceu, o aluno entrava, dependendo da sua nota final e aproveitamento do curso fundamental. Guardo ainda na lembrança que, a cada final de ano, eram premiados com livros de leitura em geral, fábulas, geografia, história, os alunos mais aplicados, de acordo com o ano em que se encontravam. Era uma política de avaliação da escola, com a finalidade de incentivar todos a ter melhores notas e melhor comportamento, em qualquer ocasião, uma vez que nos intervalos também éramos supervisionados.

Naquela época, os consulados dos países da América Latina, Canadá e Estados Unidos começaram a oferecer empregos às famílias *européias*, dentro de certas condições e limitações de filhos. Nós éramos seis, sendo dois adultos e quatro crianças cujas idades eram respectivamente doze anos, onze anos, cinco anos e uma menina de três meses, o que dificultava a escolha do país. Fazíamos reuniões de família, todas as noites, e com o mapa e as informações dos países em cima da mesa, meus pais estudavam a possível pátria que iria nos receber. Eles tinham medo da não adaptação ao clima, aos costumes, à cultura local, à língua, entre outros fatores.

Numa determinada noite, em reunião familiar, meus pais decidiram que a nossa segunda pátria seria: São Paulo – Brasil! Guardo com carinho todas estas reuniões, uma vez que nós ficávamos acordados, participando com eles e dando os nossos palpites – para nós era uma festa, apesar da sua visível apreensão. O dinheiro começava a ficar escasso.

Finalmente, viajamos e depois de 14 dias no navio, aportávamos em Santos, a 10 de fevereiro de 1956 – aniversário de mamãe. Esta data ficou tão

¹⁸ Mohammed V foi Sultão do Marrocos de 1927 a 1953. Foi forçado a exilar-se para a ilha de Córsega, pelos franceses que ocupavam o país. Ficou exilado durante 2 anos, voltando em 1955 como Sultão e proclamado Rei de 1957 a 1961.

¹⁹ Escola francesa (liceu) que tem equivalência com o Colegial.

marcada, que nos primeiros anos, comemorávamos o aniversário da chegada ao Brasil e não o aniversário de mamãe!

Alguns meses após a nossa chegada ao Brasil, a nossa preocupação passou a ser a escolha da escola. Morávamos num bairro da zona leste, de classe média, classe trabalhadora como era definida na época. Entrei na escola pública, Grupo Escolar Santos Dumont, em 1957, no 4º ano primário, pois era necessário ter este diploma para continuar os estudos, e principalmente, para trabalhar.

Fiz um mês de admissão, e em 1959, ingressei numa escola particular noturna, pois tinha que ajudar em casa, e, portanto, trabalhar durante o dia. Comecei a trabalhar em 29 de dezembro de 1959, como auxiliar de escritório. Eu tive a oportunidade de beneficiar-me com os conselhos e a orientação do contador da empresa quanto à minha formação escolar. Ele me encorajou a continuar os estudos para me tornar um Técnico de Contabilidade, e com isto crescer dentro da empresa.

No ano de 1960, ingressei na Escola Técnica de Comércio Excelsior, hoje UNICID, Universidade Cidade de São Paulo, na Zona Leste.

Neste curso, os professores ministravam as aulas mediante a prática de muitos exercícios, para serem elaborados em sala de aula e em casa. Os alunos aprendiam pela repetição, pois era decorada a maneira como os mesmos deveriam ser desenvolvidos. As principais disciplinas eram aquelas relacionadas com a contabilidade. Hoje, procuro orientar os meus alunos para estudarem o conteúdo em questão em outros e diversos livros e a levar para a sala de aula as dúvidas para serem discutidas, o que lhes permitiria um melhor aproveitamento, em comparação com a prática acima.

Depois de formar-me Técnico de Contabilidade, em 1963, o contador da empresa aconselhou-me de que não era necessário fazer o bacharelado em Ciências Contábeis, uma vez que o curso de Técnico de Contabilidade oferecia, na ocasião, os mesmos privilégios, e nenhum conhecimento adicional seria acrescentado ao que já se tinha aprendido na escola e na prática do trabalho. Este foi o motivo que me levou a prestar o *vestibular* para ingressar na Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo, Fundação Derville Alegretti, em 1967.

Na formatura, que se deu em 25 de fevereiro de 1971, no Teatro Arthur de Azevedo, no bairro da Mooca, um dos momentos mais emocionantes, além da execução do Hino Nacional, foi o momento do Juramento, que transcrevo a seguir:

JURAMENTO

PROMETO HONRAR EM TODA E QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA O GRAU QUE SOLENEMENTE RECEBO, EXERCENDO A PROFISSÃO DE ECONOMISTA COM VERDADE E JUSTIÇA, SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DA ÉTICA PROFISSIONAL, PARA A GRANDEZA MORAL E ECONÔMICA DO BRASIL.

Logo após a formatura, em 21 de março, casei com Rosa que também era estrangeira. Ela nasceu em 1947, em Alexandria, Egito, e sempre cultivou como eu, um amor especial pelo Brasil. Assim, no início da sua primeira gravidez, iniciamos o processo de naturalização. Em novembro de 1972, recebemos os Certificados de Naturalização, numa cerimônia solene do Ministério da Justiça, junto com o nosso filho Vidal de um mês de idade.

Tivemos três filhos: Vidal, nascido em 1972, formou-se em Engenharia Eletrônica, na Universidade São Judas; Felix Emil, nascido em 1973, formou-se em Ciências Contábeis na PUCSP, com especialização em Finanças Empresariais pela FECAP; e Marcel, nascido em 1980, formado em Farmácia Bioquímica, na Universidade São Judas, doutor em Ciências, e pós-doutorando pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo.

Com relação às minhas aulas da Faculdade, elas eram, na sua maioria, totalmente copiadas: o professor chegava antes do horário normal, dez ou quinze minutos, para escrever a matéria no quadro negro. Conseguia-se uma ou outra explicação de algum item ou palavra ou mesmo frase não entendível. A matéria da aula era a matéria da prova e do exame que apresentavam a característica de também serem orais. É deste modo que éramos ensinados, situação que até hoje é praticada por alguns professores, seja *enchendo a lousa com a matéria*, ou ditando, ou simplesmente expondo o conteúdo da disciplina.

Demo (2003) deixa transparecer a sua indignação quando faz referência à aula copiada, explicitando que ela não *constrói nada de distintivo, e por isso não educa mais do que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa festa animada*. Pretende, diz ele:

manter a proposta de que a base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o mero contato entre professor e aluno.

Não me recordo de que a palavra *pesquisa* tenha sido utilizada pelos professores, com o mesmo conceito como é descrita acima. Os seminários, que

eram apresentados aos sábados, tinham um tema, sobre o qual se *pesquisava* nos livros que pertenciam ao acervo do Grêmio Acadêmico, pois não havia biblioteca na Faculdade. Depois da consulta, cada membro do grupo tirava uma fotocópia (na época, não havia xerox, ainda) dos capítulos que interessavam para fazer um resumo, em casa ou no próprio Grêmio. Este resumo era lido na apresentação do seminário e quem conseguia decorá-lo, comentava-o na sala de aula. Era muito rara a pesquisa de campo que só acontecia quando o aluno conseguia identificar o tema com algo no mercado, ou mesmo com a empresa em que ele trabalhava.

Em 1968, entrei na Willys Overland do Brasil, cuja fábrica ficava no Taubão, São Bernardo do Campo e que estava sendo adquirida pela Ford Motor do Brasil. Um dos requisitos, tanto para ingressar quanto para fazer carreira na Controladoria da empresa, era ser bacharel em Ciências Econômicas.

Tenho que enfatizar que os 29 anos, durante os quais fiz parte da empresa Ford, exigiam do funcionário a habilidade de estar sempre pronto para o trabalho, qualquer que fosse ele e ter muita paciência. O destino dos funcionários estava relacionado à personalidade do gerente do departamento que muitas vezes, deixava de promover quem realmente o merecia pelas suas qualidades e esforço. Este fato foi marcante na minha personalidade, mas no sentido inverso, pois teve como reflexo na minha prática pedagógica, procurar reconhecer quem se esforça e incentivar todos os outros.

Todavia, muitos fatos bons superaram aquelas passagens de mal estar político exercido por alguns gerentes. A experiência adquirida na Controladoria das diversas divisões pelas quais passei foi muito proveitosa, uma vez que eu era indicado para os cursos *in Company*, específicos para o desenvolvimento das tarefas, como por exemplo: *Qualidade Total*, *Tomada de Decisão*, entre outros.

Consegui, também, fazer outros cursos de capacitação, reservados aos funcionários mais aplicados. Não se deve confundir o conceito de funcionários aplicados com funcionários bajuladores. Os primeiros *vestiam a camisa*, e conseguiam decidir sobre questões simples sem muita supervisão, motivando os outros funcionários pelo exemplo. Isto tem a ver com a minha postura de vida e, com certeza, pedagógica, pois acredito que sempre devemos estar prontos para tomar qualquer decisão na vida, com o intuito de fazer mudanças.

A seguir, a título de exemplo, cito alguns cursos de capacitação dos quais participei: *Gestão Estratégia de Custos (ABC)*, *Sistema de Avaliação de Desempenho – Balanced Scorecard*, *Sistema de Planejamento para a Tomada de Decisão*, além dos cursos especiais para executivos na Fundação Getúlio Vargas – FGV.

Fui indicado pela gerência geral para ser um multiplicador dos conceitos defendidos pela Empresa no campo da Ética, após ter concluído o curso *Ética nas Empresas*, ministrado por uma empresa especializada. Este contato com os funcionários de todos os níveis revelou-me aos poucos, o gosto pela docência, pois criou um relacionamento professor-aluno, onde eles buscavam outras metas, além da Ética. Este foi um dos fatos que contribuiu de alguma maneira para, mais tarde, optar por ser professor.

Logo após a minha saída da empresa Ford, em 1995 e até aproximadamente o segundo semestre de 1999, trabalhei em várias empresas como consultor econômico-financeiro, sempre voltado ao planejamento, orçamento, controle e custos. A primeira destas empresas foi a própria Ford, quando, junto com outro gerente, tivemos a incumbência de efetuar a venda da fábrica de Chicotes e Molas Helicoidais²⁰, localizada em Jaboatão dos Guararapes, em Recife, PE. Depois de realizada esta venda, eu continuei como consultor em várias outras empresas.

A partir de 1999, uma vez que as consultorias foram ficando mais escassas, a minha esposa, numa de nossas longas conversas, sugeriu-me a possibilidade de continuar os estudos, com o intuito de tornar-me professor. Eis, portanto, **mais**²¹ um motivo que me encaminhava para a carreira docente.

Matriculei-me no curso de lato sensu em Economia, na FECAP, Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado. Nele, pude tomar conhecimento de uma disciplina chamada Didática do Ensino Superior, que fazia parte do currículo, por força da resolução 12/83 e que fixava as condições de validade dos Certificados de Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização para o Magistério Superior, no Sistema Federal. Essa disciplina foi de grande importância para mim, pois permitiu que eu me iniciasse na vida docente. Ela acabou sendo cancelada, um ano e meio depois, logo após o término do curso.

A partir deste momento, travei conhecimento com autores como:

- Paulo Freire, por meio de suas obras:
 - o *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*;

²⁰ Chicote é o conjunto de fios elétricos utilizados nos veículos; Mola Helicoidal é a peça que faz parte do conjunto da suspensão do veículo e dentro da qual é posicionado o amortecedor.
Nota do Autor.

²¹ Grifo do Autor.

- o *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*;
- Carl R. Rogers, com o seu *Tornar-se pessoa*;
- Vera Maria Candau, com a sua *Didática em Questão*;
- Maria Célia de Abreu, Marcos Tarciso Masetto, com a sua obra *O professor universitário em aula*;
- Lúcia M. Teixeira Furlani, com *A Claridade da Noite: os alunos do ensino superior noturno*;
- Maria Helena Souza Patto, com a *Produção do fracasso escolar*;
- Roger Von Oech, com *Um “toc” na cuca: técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida*.

Devo esclarecer que esta disciplina com apenas 10 encontros, a leitura dessas obras e as discussões acaloradas em sala de aula marcaram fortemente o meu ser pessoal, entusiasmado que estava com a perspectiva da docência.

Antes de terminar este curso, recebi um convite do Diretor do Centro de Estudos Álvares Penteado, para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade Estratégica – Mestrado Acadêmico.

As aulas do curso de *lato sensu* também tinham muito de *educação bancária*, com raras exceções, como as da professora de Didática do Ensino Superior. Os outros docentes simplesmente ministravam suas aulas expositivamente, sendo que um ou outro tentava questionar e dinamizar um pouco mais. Os alunos – e eu me incluo – forçavam um pouco, para que houvesse mais diálogo. O termo *pesquisa* passou a ser utilizado um pouco mais, porém muito timidamente e sempre tendo em vista a *pesquisa bibliográfica*.

Em 2000, é relevante dizer que, durante seis meses, fiz os dois cursos juntos: *lato sensu* de Economia e Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica. E neste mesmo período, foi me apresentada uma pequena empresa para desenvolver uma consultoria na área de planejamento e orçamentos.

Durante o curso de Mestrado, (2001-2002), tive a oportunidade de lecionar em várias Faculdades, disciplinas relacionadas à Contabilidade, Custos e Orçamentos: Faculdades Oswaldo Cruz, Faculdades Bandeirantes, Faculdade Santa Rita de Cássia, Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Fui também convidado para ministrar aula de Custos na Associação dos Contadores do Município de São Paulo e Contabilidade Geral no Curso Meta.

O Mestrado me apresentou uma visão diferente, pois se baseava em muita pesquisa e muitos trabalhos onde era imperativo o uso das normas ABNT

e também muitas leituras de assuntos já conhecidos. Senti que estava aprofundando os meus conhecimentos, ou seja, tornando-me um especialista em Controladoria e Contabilidade Estratégica. Em suma, todo o conhecimento adicional era voltado para a sua utilização nas empresas. Entendi, também, que vários dos meus colegas faziam o Mestrado com um único intuito: habilitá-los a *dar aulas no ensino superior*.

A participação nos seminários (dois anos de seminários contínuos em todas as disciplinas) podia habilitar o aluno a ministrar aulas no ensino superior, porém, faltava-lhe a devida bagagem pedagógica e o conhecimento da utilização da pesquisa como uma ferramenta de ensino. Os seminários eram desenvolvidos tendo em vista uma parte teórica onde, por meio de pesquisa bibliográfica, procurava-se trazer o mais recente entendimento e / ou conhecimento sobre o tema, sempre substanciado com uma pesquisa de campo, onde eram discutidos os vários elementos, tomando-se por base o aspecto quantitativo.

Quero ressaltar que a pesquisa fazia parte da disciplina de Métodos Quantitativos. Os professores salientavam, e com muita propriedade, que a pesquisa nos permitiria alargar os nossos conhecimentos sobre o mercado, sobre as empresas e seus respectivos orçamentos e patrimônios. Isto tudo nos levaria a um tal conhecimento, que as tomadas de decisões passariam a ter uma área de acerto muito maior, o que permitiria que a empresa se desenvolvesse mais solidamente.

Apesar de todo este envolvimento, as aulas com um bom nível de dialogicidade, e ainda, o saudável relacionamento professor-aluno, em minha opinião, não foram suficientes para a formação de educadores, e neste caso específico, educadores de Ciências Contábeis, com habilidades didático-pedagógicas e conhecimentos para o uso da pesquisa como uma ferramenta de ensino.

Portanto, hoje, eu aceito a idéia de que eu estava me tornando mais um repetidor de conhecimentos, mais um educador fundamentado na *concepção bancária da educação*, onde *o educador é o sujeito do processo e os educandos, meros objetos*.

O que poderia eu dizer a respeito da minha concepção de ser humano que defendo, da concepção de sociedade que eu anseio, da concepção de conhecimento que assumo, durante o período das minhas primeiras aulas ministradas? Foi somente no contexto da minha Dissertação de Mestrado, que consegui falar com maior clareza sobre isto. Naqueles primeiros momentos, não era tão clara, para mim, a ligação entre minhas concepções e minha prática docente. O Mestrado em Educação, aos poucos, ajudou-me a construir a percepção do caráter fundamental da consciência destas concepções.

Elas foram consolidando-se, em mim, desde a mais tenra idade. E aqui, ressalto o cuidado com que fomos criados, eu e meus irmãos. A atmosfera que envolvia a nossa casa tinha um sentimento profundo de religiosidade, devido ao amor que meus pais derramavam em nós. Foi uma educação voltada para cada filho, pois cada um de nós possuía a sua especificidade como ser humano. O respeito pelo Criador, pelas pessoas mais velhas, pelos irmãos, e por todos os outros seres tinham por base o amor, como o sentimento-mor de todo e qualquer relacionamento.

Hoje, como ser humano e professor, eu explicito estas concepções que embasam o meu agir. Embora saiba que elas estão sendo permanentemente feitas e re-feitas, é assim que consigo expressá-las no atual momento:

- a concepção de ser humano que defendo está intimamente ligada à minha posição de educador, por meio da qual noto a sua complexidade (Morin), o seu inacabamento (Freire) e compreendo a sua escalada no conhecer-na-ação, na reflexão na-ação (Schön) e que, como cidadão (Demo), o encaminha para o desafio permanente de sua construção e re-construção;
- como concepção de sociedade que anseio, admito ser esta quase uma utopia, porém eu a reconheço como sociedade justa, e ética com a *marca de equalização de oportunidades*. Urge, portanto a necessidade de formar-se um cidadão que se volte para o *processo emancipatório*. Por meio dele, o ser humano deixará de ser um *objeto de manipulação [...] para andar com pernas próprias* (Demo 2003);
- a concepção de conhecimento perpassa minha compreensão dele ser o *instrumento mais potente de inovação* (p. 64). Portanto, a meu ver, a pesquisa é a ferramenta básica para a construção sólida deste conhecimento. E, apoiado em Demo, eu adoto o uso da pesquisa como um fazer pedagógico a ser implementado desde a educação escolar.

As aulas de uma *educação bancária*, que tanto Paulo Freire menciona em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, ainda estão presentes no mundo acadêmico. Onde estarão sendo ministradas as aulas dialogadas por meio de um *educador* problematizador de Freire? E a pesquisa de Demo, como está sendo aplicada como processo educativo?

No meu primeiro mestrado, o de Controladoria e Contabilidade Estratégica, eu me tornei um pesquisador. Estudei o que era pesquisa e como utilizá-la

no desenvolvimento das rotinas das empresas, junto com a estatística aplicada à economia e à administração. Esta pesquisa tinha como abordagem principal a quantitativa.

Lüdke e André, nos anos 1980, publicavam o seu livro *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*, onde revelavam que a obra pretendia contribuir para o *preenchimento de uma grande lacuna em nossa vida universitária: a falta de obras que se destinem [...] à concepção e aos trabalhos de pesquisa em educação, dentro das abordagens qualitativas*.

A minha persistência em tentar solucionar os meus questionamentos me conduziu a cursar o Mestrado em Educação, a despeito de muitos colegas que achavam que eu deveria ingressar no processo seletivo para o Doutorado, pois já possuía o título de Mestre em Controladoria e Contabilidade Estratégica.

Os questionamentos já citados e que torno a mencionar, a seguir, levaram-me a conhecer autores como Schön, Morin, Nóvoa, Freire, Josso, Demo:

- Que tipo de profissional está sendo formado?
- O Projeto Político-Pedagógico da Escola, uma vez construído, em colegiado, pelos professores, explicita ter visão de que os professores preparam seus alunos voltados somente para o mercado de trabalho?
- Qual o processo formativo do docente em Ciências Contábeis?
- Que tipo de ensino favorece a formação de um profissional capaz?
- Como o docente deve agir diante das deficiências de seus alunos?
- A pesquisa como princípio pedagógico não deve estar mais presente na sala de aula, para uma reflexão mais profunda, construindo caminhos para as tomadas de decisões?

Devo salientar que o travar conhecimento com estes autores me permitiu aprofundar os meus conhecimentos em termos de:

- Educação, Universidade: por meio da contribuição de autores e leituras como Iria Brzezinski, Cristovam Buarque, Luiz Antonio Cunha, Leis das Diretrizes e Bases;
- Ser Humano, Complexidade, Histórias de Vidas e Autobiografias, por Morin, Josso, Freire e Nóvoa;
- Educação Libertadora, Dialogicidade, Autonomia, Ética, o Ensinar, Educação Bancária, Concepção Problematizadora da Educação, por Freire;

- O uso da Pesquisa como um processo de formação educativa a partir da educação infantil, A formação do sujeito cidadão, Formação do profissional e cidadão competente, a Pesquisa como Princípio Científico e Educativo, por Demo;
- *A reflexão-na-ação*, como processo de um ensino reflexivo onde a teoria e a prática interagem para a formação profissional; a necessidade de se criarem condições para uma prática reflexiva; identificar a relevância do *saber fazer* e do *practicum reflexivo*, por Schön.

Qual deveria ser o processo formativo de um professor de Ciências Contábeis? Aos poucos, durante o meu percurso no Mestrado, observei que esta mesma pergunta se adaptava perfeitamente a várias áreas, tais como: Economia, Odontologia, Arquitetura, Engenharia, Enfermagem, Medicina e Direito, dentre outras. Muitos dos meus colegas de mestrado vinham dessas áreas e como só lecionavam no Colegial e cursos técnicos, se propuseram a cursar o Mestrado em Educação para ministrar aulas no ensino superior.

Ao longo do curso de Mestrado em Educação mantive contato direto com várias disciplinas, dentre elas: Abordagens Filosóficas da Educação, Teorias da Educação e Realidade Brasileira, Pesquisa em Educação, Seminários de Pesquisa, Seminários de Dissertação de Mestrado, Ensino Superior: formação e prática docente, Formação de educadores e profissão docente, Novos paradigmas, subjetividade e formação de educadores. As leituras, as atividades, tanto em sala de aula, como fora dela, e as conversas com os Mestres e colegas, foram, aos poucos, permitindo rever os meus questionamentos e delinear algumas respostas para uma grande parte deles. O próximo passo era como colocá-las em prática?

Houve mudanças? Eu creio que as houve e talvez muito mais profundas do que eu próprio possa atestar. Na maioria das vezes, eu me propunha levar para o meu fazer docente, com certa cautela, as experiências vividas pelos meus colegas e pelos meus próprios Mestres, já discutidas em sala de aula. O meu processo tanto didático como pedagógico, o meu relacionamento com os alunos e alunas, nas minhas salas de aula, foram-se modificando, pouco a pouco, devido a esta prática.

Por intermédio de Demo, visualizei o *Educar pela pesquisa*, a *Pesquisa: princípio científico e educativo*, onde ele indica que a pesquisa é uma das ferramentas a ser utilizada pelo docente a partir dos primeiros momentos da educação infantil.

Viver a aula dialogada de Freire, educar pela pesquisa de Demo, transformar-se num educador problematizador, não foram passos tão fáceis de serem iniciados, mesmo porque, isto se constitui num processo de melhoria contínua, uma vez que eu assumo o inacabamento do ser humano ressaltado por Freire. A partir destes primeiros passos, porém, já consigo verificar alguns resultados positivos com os meus alunos.

É necessário mudar e é possível.

Encontrei em Santos Neto (2004) em *Filosofia e prática docente: fundamentos para a construção da concepção pedagógica do professor e do projeto político-pedagógico na escola*, a sugestão de que uma *concepção pedagógica* deve elencar os seguintes aspectos *do processo educativo que advoga*:

- a. A concepção de ser humano que defende (concepção antropológica);
- b. A concepção de conhecimento que assume (concepção gnosiológica);
- c. A concepção de sociedade pela qual trabalha (concepção política);
- d. A concepção de educação escolar que decorre das concepções assumidas;
- e. A concepção de professor e de prática que decorrem da concepção de educação assumida.

Diante do exposto, desejo compartilhar como se deu o meu processo de amadurecimento, a partir das primeiras aulas ministradas e que, aos poucos, foi se incorporando, não só na minha prática docente, como também, no meu modo de vida. Tenho consciência de que sou um produto da educação bancária, a começar pelas escolas francesas que freqüentei, na minha infância. Hoje, mais distante dos primeiros meses de minha prática docente, noto, com certo pesar, que eu ministrava as aulas expositivamente, totalmente voltadas para uma concepção bancária, da mesma forma como os meus professores tanto do curso técnico como do ensino superior, o faziam.

Os meus questionamentos começaram, com efeito, quando eu ainda cursava o lato sensu de Economia, nas discussões que eu mantinha com os meus colegas. Nós nos perguntávamos como poderíamos mudar, modificar ou até transformar as aulas que nos estavam sendo ministradas, com a finalidade de torná-las mais atraentes, divertidas, participativas. Queríamos aprender mais, uma vez que o nosso tempo para estudar era muito escasso: estudar para aprender, aumentar o nosso nível de conhecimentos, e ainda, trabalhar! O compromisso de lutar para modificar-nos permitiu expor o nosso descontentamento a alguns docentes, pois afinal, eram aulas de lato sensu.

Alguns professores esforçaram-se para melhorar, outros nem tanto, porém no geral, o curso foi muito bem aproveitado. A mudança exercida por alguns professores, além de resultar em seu próprio benefício, refletiu em nosso objetivo, pois começamos a exercer a nossa prática discente, ou seja, levar para a sala de aula as dúvidas de leituras feitas antecipadamente, para serem debatidas. O nosso relacionamento com os professores melhorou, pois havia mais compreensão. Eu cheguei mesmo, a sentir, em certos momentos do curso, que todos nós, nos esforçávamos para conseguir resultados positivos. Com isto, eu diria que todos, professores e alunos, estávamos num processo de aprender a aprender.

Por algum tempo, eu harmonizei a docência com o trabalho de consultoria e o re-pensar, o re-ver e o re-estudar da minha trajetória formativa, que hoje fazem parte das minhas memórias, agora re-pensadas para serem transformadas.

No dia 4 de fevereiro de 2002, ingressei, a convite de um professor, na Universidade Metodista de São Paulo, para ministrar aulas nos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração Financeira. Assim, fui locado na Faculdade de Economia e Ciências Contábeis.

A cada encontro com os meus alunos e alunas, reflito sobre as minhas ações: como agir, o que dizer, qual deve ser o meu comportamento para com cada um deles. E, afinal, quem é este aluno, esta aluna? Procuo conhecê-los, primeiro, para entendê-los e depois, formalizar a minha prática pedagógica e quais serão os parâmetros para a elaboração da pesquisa. Em todas as disciplinas, eu procuro utilizá-la como meio de formação do aluno.

A partir do meu ingresso no Mestrado em Educação, mesmo como aluno especial, *quando entro em uma sala de aula*, lembro-me de Freire ([1996] 2000), onde ele propunha

estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor; inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

E quando penso em como ensinar, procuro sempre as recomendações de Demo (2003), no seu *Educar pela pesquisa*,

o ponto focal está em encontrar na própria pesquisa o berço da cidadania acadêmica, à medida que, através do questionamento re-constutivo, se atinja a possibilidade de evolução teórica e prática.

No processo de pesquisa está o genuíno contato pedagógico, transformado em ambiente de trabalho conjunto, implicando na mesma matriz a qualificação do e pelo conhecimento e sua humanização constante e radical. Aí se vence o mero treinamento e se incrementa a emergência do sujeito capaz de crítica e projeto próprio. Forma-se a capacidade de inovar para reconstruir, eticamente.

o processo profissionalizante não pode ser visto como primazia da prática nem da teoria, por conta da adequada formação da competência. O questionamento reconstrutivo coloca-se como desafio tanto maior, implicando o saber pensar para o saber fazer, ou o aprender a aprender. O mero fazer deve ser substituído pelo saber fazer e sobretudo pela capacidade de sempre refazer. Assim, o mero pensar precisa ser substituído pelo saber pensar e sobretudo pelo aprender a aprender.

O meu fazer docente, portanto, teve três momentos específicos: o primeiro, antes do Mestrado em Educação, quando as minhas aulas eram baseadas numa educação bancária; o segundo foi um período híbrido, que refletiu uma combinação de metodologias e experimentações; e o terceiro, que diz respeito ao momento atual, a partir do curso de Mestrado em Educação. As modificações inseridas no meu método de ministrar as aulas foram determinantes, permitindo uma melhor absorção e entendimento por parte dos alunos, se comparado com as aulas anteriores.

Eu avalio o processo de melhoria como sendo *ad aeternum*, pois, com o propósito de atender a cada nova turma de alunos e alunas, as metodologias aplicadas às aulas devem ser re-pensadas e re-adaptadas, com base no perfil desses novos alunos e alunas.

Por tratar-se de um fato especial, eu o relato separadamente e fora de qualquer ordem cronológica. Em 2003, fui convidado a substituir um professor de Economia e Política, num projeto, mantido pela Universidade, chamado Universidade Livre da Terceira Idade. Este projeto abrigava aproximadamente 120 alunos, com idade igual e ou acima de 50 anos, cuja maioria era mulheres. O primeiro dia de aula chegou, e eu, literalmente tremendo, com uma série de questionamentos (Ensinar o quê, a quem? Quem eram estes alunos? Seriam eles como os graduandos? Teriam eles estudado no seu passado?), enfrentei a classe.

Trinta alunos, dos quais quatro homens estavam ali, sentados. Fechei a porta, fiz a minha apresentação, expus o conteúdo da disciplina e pedi que

se apresentassem, um a um, numa determinada ordem. Resultado: esta aula e as que vieram a seguir foram simplesmente espetaculares. Acredito que eu aprendi muito com eles: esta minha nova experiência, eu a canalizei para as minhas aulas de Graduação, e de Pós-Graduação.

Dois anos depois, em 2005, fui convidado a coordenar a Universidade Livre da Terceira Idade. Hoje, temos um programa diferente no qual o aluno se forma Agente Social, em três anos, e caso queira continuar, desenvolve projetos comunitários por mais um ano. Nós temos atualmente, aproximadamente, 250 alunos. Após a acolhida aos novos alunos, neste ano de 2008, um dos novos professores, comentou: *a Universidade Livre reflete você, não imagino este projeto sem você à frente dele!* Eu compactuo com esta afirmação. Vejo este comentário como um elogio, uma vez que acredito estarem em evidência o amor e a atenção que eu dispenso a este público.

Atualmente, estou revendo o projeto político-pedagógico da Universidade Livre, primeiro, para permitir que o mesmo seja auto-sustentável e em seguida, para promovê-lo a multi-campi, no sentido de atingir outros públicos.

A seguir, relaciono funções administrativas que foram por mim exercidas fora da docência. Devo salientar que elas foram importantes, pois serviram para alargar os meus conhecimentos quanto à minha formação pedagógica e acadêmica na Universidade Metodista de São Paulo:

- 2002 – 2004 – Membro da Comissão Setorial de Avaliação – CSA;
- 2003 – 2004 – Membro suplente do Colegiado do Curso de Engenharia de Software da FACET;
- 2003 – 2004 – Membro do Colegiado do Curso de Economia da FECC;
- 2003 – 2004 – Membro suplente da Comissão de Política de Pessoal Docente;
- 2003 – 2007 – Presidente do Conselho Editorial e Editor da 1ª. Revista ECCO (eletrônica) da FECC;
- 2003 – atual – Membro do Colegiado do Curso de Ciências Contábeis da FECC;
- 2004 – 2004 – Membro do Grupo de Trabalho das Disciplinas não Presenciais;
- 2004 – 2005 – Membro do Conselho Editorial;
- 2004 – 2005 – Membro do Colegiado do Curso de Administração Financeira da FCA;

- 2004 – 2006 – Membro do Colegiado do Curso de Economia da FECC;
- 2004 – 2007 – Membro da Câmara Permanente de Assuntos Acadêmicos e Didático-Pedagógicos;
- 2004 – 2007 – Membro do Conselho Universitário.

No período de 2003 a 2004, desenvolvi uma pesquisa com alguns alunos do curso de Ciências Contábeis, sob o título: *Grau de utilização das informações contábeis nas pequenas indústrias no município de São Bernardo do Campo*. Sinto não ter tido tempo suficiente para desenvolver outros projetos-pesquisa. Acredito, neste momento de reflexão, que devo retomar esta tarefa, primeiramente por existir no mercado regional uma carência de informações contábeis, e em seguida, para incentivar os alunos à pesquisa.

Devo destacar que os fatos, a seguir, foram de grande relevância, uma vez que me incentivam a prosseguir, melhorando continuamente o meu processo formativo na Universidade Metodista de São Paulo:

- 2005 – Professor homenageado da Turma Senador Eduardo Matarazzo Suplicy da Faculdade de Ciências Administrativas;
- 2005 – Paraninfo da Turma Professor Mestre Octávio Ribeiro Mendonça Neto da Faculdade de Ciências Administrativas;
- 2006 – Professor Homenageado da Turma Professor Mestre Ricardo Arienti da Faculdade de Ciências Administrativas;
- 2008 – Professor homenageado da Turma Professor Mestre Prodromos Jean Kyrissoglou da Faculdade de Ciências Administrativas (fevereiro, 2008).
- 2008 – Patrono da Turma Professor Mestre Moses Benadiba do Curso de Ciências Contábeis²² da Faculdade de Economia e Ciências Contábeis (12 de março, 2008).

Exponho, a seguir, alguns comentários / pareceres de meus alunos do curso de Ciências Contábeis, que decidiram se manifestar, voluntariamente, sobre o meu questionamento sobre as aulas.

²² Grifo do Autor

MEU QUESTIONAMENTO

Neste semestre, que por sinal já passou, fiz algumas inovações nos trabalhos, como por exemplo, na pesquisa que foi desenvolvida por vocês no trabalho apresentado.

A minha proposta é que vocês me permitam saber o que significou fazer essa pesquisa e qual foi o seu aprendizado na disciplina? Em outras palavras, vocês sentiram que houve uma aprendizagem maior quando vocês fizeram a pesquisa, verificando na empresa como é utilizada a Microeconomia? O que vocês acharam deste tipo de aula comparada com uma aula totalmente expositiva?

ALUNO MAP

Eu achei seu método muito interessante e inovador. Gostei muito e se me permitir uma sugestão, diria que alguns colegas precisam perder o medo de falar (eu sei que não é fácil, mas tem que treinar), para que a aula seja ainda mais dinâmica e produtiva do que já é.

ALUNO PSP

Bem, eu achei que as aulas com as pesquisas foram muito interessantes. Esta foi a primeira vez que algum professor trabalhou conosco desta forma.

A pesquisa incentiva à busca de conhecimento e à responsabilidade de cada um e embora alguns tópicos tenham sido um pouco complicados de serem apresentados por alunos, num âmbito geral, todo o conteúdo foi assimilado.

Obrigada pela atenção.

ALUNO PGS

Boa noite professor;

Respondendo à sua pesquisa, gostaria de dizer que aprendi muito com o trabalho como um todo, principalmente, porque quando pesquisei me preocupei não só com o que poderia absorver de conhecimento, mas também em aprender o máximo possível, para dar uma aula e expor tudo o que aprendi, compartilhando o conhecimento adquirido.

Foi muito bom, porque, trocamos conhecimentos, nos dedicamos na leitura e entendimento do assunto, e o que é melhor, o seminário, nos faz

perder a timidez de falar em público e aprendemos a nos expressar melhor, o que é muito importante na nossa profissão.

Numa visão geral, posso dizer que aprendi o conteúdo da disciplina e creio que não a esquecerei. Hoje, consigo entender a microeconomia, olhando para o mercado e não é difícil, já que isto faz parte do nosso dia-a-dia, e a empresa deve ter a visão focada no mercado para ser competitiva. E como o trabalho também teve pesquisa prática, pudemos ver como as empresas agem no mercado. Foi muito interessante.

Para finalizar, gostaria de desejar um Feliz Natal para você e agradecer por nos ajudar a compreender a Microeconomia. Tenha a certeza de que muitos alunos gostaram do método adotado, inclusive eu.

ALUNO APA

Gostei muito das aulas expositivas. A pesquisa me auxiliou bastante no entendimento dos assuntos discutidos em aula, já que mostra casos práticos, não ficando somente na teoria, o que, é em minha opinião, muito desgastante para os alunos e também para o professor.

Sua iniciativa está de parabéns. Espero que o senhor continue adotando-a e que outros professores também tomem iniciativas como esta.

ALUNO RBR

Achei muito interessante sim, nós pesquisarmos, pois temos que nos aprofundar nas pesquisas, para podermos passar o que aprendemos para os demais.

ALUNO MHS

Mestre

Achei sensacional este critério de aula. Como eu já havia dito ao senhor nas aulas, com este método, o aluno aprende muito mais, porque exige muito que o aluno também vá à busca de conhecimento, e que o aluno não se acomode.

Particularmente, esse é o melhor método de aula que já tive na faculdade.

Parabéns, vá em frente.

ALUNO BA

Olá, Professor, com referência à pesquisa, achei interessante o modo como foram expostas as aulas, pois trouxe a oportunidade de novos conhecimentos em diversas áreas, com um novo olhar econômico que se unirá futuramente a novos conhecimentos, em futuras áreas, abraço!

ALUNO DM

Em relação ao trabalho de pesquisa, creio que é sempre bom para todos poder entender como é a parte teórica (aplicada em sala) direcionada para dentro da empresa, portanto, na minha opinião, é uma ótima maneira de aprender e entender melhor a matéria.

Quanto às aulas, acho todas super dinâmicas. Na minha opinião, creio que quanto mais aulas assim tivermos, melhor será para nós. Já havia comentado que gosto muito da maneira com que o Sr. lida com nossas dúvidas em sala, colocando sempre uma discussão de um assunto atual, fazendo assim com que a sala toda esteja interagindo com o assunto.

Quero agradecer por tudo feito nesse semestre. Creio que foi tudo muito bem esclarecido e espero que possa contar sempre com sua experiência e criatividade em sala, nos próximos semestres.

ALUNO APAB

Bom dia!!!

Bom, eu gostei de seu método, mesmo sendo um pouco rígido, mas sei que é para o nosso bem.

Obrigada!

ALUNO JCH

Bom dia, caro Mestre

O senhor como professor interage com os alunos como se fosse aluno, pois como o senhor mesmo disse, “estou aprendendo com vocês”, onde isso é muito bom para ambas as partes.

Gostaria de agradecer por ter me escolhido como monitor da prova do 4º semestre, e por ter discutido algumas dúvidas sobre os alunos que ficaram em exame. Gostei muito e gostaria de ser monitor no 7º e 8º semestres, onde nos encontraremos novamente.

Gostei de que o senhor falasse sobre seu trabalho de Mestrado em Educação, o que possibilitou aos alunos que o escutaram, desde o primeiro dia, fazer o aperfeiçoamento do profissional, não sendo um digitador de nota fiscal e auxiliar de escritório, ou coisa parecida, sempre estudando e se informando.

Pesquisas:

As pesquisas desenvolvidas nas empresas possibilitaram abrir caminhos, e entender como funcionam as empresas e os mercados onde elas atuam e como atuam.

Achei bastante interessante, pois os alunos que atuam em empresas entendem com mais facilidade.

Disciplina:

Na sua disciplina o Senhor nos disse, desde o primeiro dia de aula, que não devemos ser simples digitadores, ou auxiliares de escritório, ou semelhantes, e sim tomar decisões (“Controllers”), o que se aplica em todos os ramos de atividade, basta apenas entendermos o mercado, e estudar sobre ele.

Aula:

O tipo de aula totalmente expositiva força ao aluno a se informar sobre o assunto que vai apresentar em aula. Vejo isso como grande ganho no conhecimento e no aprimoramento destes.

Observações:

–Aulas Virtuais: em minha opinião, nem todos os alunos participaram dos trabalhos no Siga, mesmo o senhor falando que contaria como falta.

Poderia ser outra aula presencial, em minha opinião. Poderíamos trabalhar com uma preparação, nos casos de decisões nas empresas (jogos) voltados ao perfil do “Controller”, pois assim, não ficariam muitos alunos “sem cair a ficha”, lá no 7º e 8º semestres.

A sua disciplina e, conversando com o senhor, me fez enxergar um grande futuro para este profissional “Controller”, no mercado de trabalho e nas empresas onde atua.

ALUNO CV

Caro professor,

Aproveitando a rara oportunidade de me expressar, me permiti ir além da sua pergunta sobre a pesquisa e fiz alguns comentários sobre o

aprendizado geral da disciplina, lembrando que, como aluna, não tenho embasamento pedagógico algum, sendo apenas a minha opinião sobre meu próprio aprendizado. Receba os meus parabéns pela iniciativa e espero que seja de grande valia.

Um grande abraço!

Sem dúvida, a pesquisa me levou a um conhecimento muito mais abrangente, porém, apenas sobre o assunto a que se referia o meu seminário (no caso, oferta). A pesquisa na empresa foi essencial e muito importante. Em minha opinião, a apresentação do seminário enriquece o próprio aluno (muito satisfatório) e, em raríssimos casos, adquiri um conhecimento mais aprofundado a partir da exposição de meus colegas. As intervenções do professor, após as apresentações, foram diretas para o próprio grupo que apresentava. Poucas vezes a classe acompanhou, ou seja, o “talento” do grupo ditou as regras. O compartilhamento dos trabalhos sem uma avaliação prévia do professor me causou confusão. Alguns trabalhos continham erros graves de ortografia e concordância sendo impossível a compreensão da proposta e me trouxe insegurança quanto ao conteúdo.

Saindo um pouco do próprio seminário, as conversas sobre como funciona a economia foram riquíssimas. Isso sim foi um conhecimento adquirido que consigo aplicar no meu dia a dia. Muito positivo!

Gostei dos fóruns, pois estimulava a pesquisa e fazia um link entre as teorias apresentadas.

A bibliografia apresentada foi usada na pesquisa do seminário, nos 4 fóruns e no estudo para a avaliação final.

Pensando no objetivo (geral e específico) do plano de aula apresentado pelo professor, no início do semestre (me auto-avalio de 1 a 10):

– permitir ao aluno uma visão abrangente das diversas teorias que formam a microeconomia (6 – conhecimento superficial das teorias)

– o aluno tomará conhecimento do comportamento do mercado e da interação entre produtores e consumidores (9 – debates em sala de aula)

- conduzir o aluno a identificar os conceitos teóricos dos novos acontecimentos econômicos (6)

– estimular o aluno na busca de novos conhecimentos por meio da pesquisa, leitura e interpretação de textos que apresentem a realidade econômica atual (6 – somente na pesquisa para o seminário)

Em resumo, considero que meu aprendizado teórico em microeconomia não foi satisfatório, porém a prática foi extremamente enriquece-

dora. Meu entendimento básico de economia deu um grande salto, tornando minhas conversas, leituras, etc de fácil compreensão.

ALUNO MCNS

Ok Profº

Para mim, essa disciplina me despertou um maior entendimento, até mesmo na hora de comprarmos os mantimentos, vestimentas, e calçados e compararmos preços e qualidades. Achei as aulas super criativas, e com ótimo aprendizado. Só faltou mais interação da sala nos debates!!!

ALUNO JR

Professor Moses,

Detalho alguns pontos observados por mim nas suas aulas:

No início das aulas, quando houve a distribuição dos temas, a atenção era de 100% por ser um sistema novo de apresentação de trabalho. Quando ficou definido o tema do nosso grupo, percebi certa ansiedade para desenvolver um bom trabalho, como pesquisar em livros, em empresas, com pessoas já graduadas e de cargos de gerência, tudo para conseguir um melhor material para ser apresentado para a classe. Depois destas pesquisas, me senti seguro sobre o tema que estávamos estudando. Este é um ponto muito positivo.

Como ponto menos positivo, nós prestávamos atenção no trabalho dos outros, naquele momento, com preocupação de como seria nossa apresentação, lembrando que os grupos encaminhavam o resumo uma semana antes da apresentação em sala e depois todo material por e-mail. Esse era um ponto importante a destacar, pois usamos como consulta para realizar a avaliação final. Depois da nossa apresentação parece que prestávamos mais atenção nos grupos que ainda não haviam apresentado o trabalho.

Em resumo, digo que se comparado com uma aula totalmente expositiva, tivemos uma dinâmica incrível, bem diferente das outras disciplinas naquele semestre, onde toda a classe se preocupou com o proposto, e observo esta diferença de atenção no antes e depois da apresentação do nosso grupo.

Um abraço.

ALUNO GSM

Bom dia, Profº Moses,

A pesquisa possibilitou a busca do conhecimento da microeconomia na prática, ou seja, aprendi a distinguir bem, a visão econômica da contábil dentro da empresa que pesquisamos. Quanto às aulas, acho que foi bem interessante. Às vezes, perdemos a atenção na aula expositiva, o que não aconteceu nas aulas de apresentação em grupo, pelo menos comigo, e você acaba tendo que se inteirar do assunto antes das aulas, o que amplia o entendimento na hora da apresentação dos colegas, e também, o professor sempre conclui as apresentações. Quando acha necessário, explica ou complementa a matéria apresentada. Valeu a pena a experiência.

ALUNO GSS

Oi professor,

Eu particularmente gostei muito de fazer as pesquisas do trabalho. Na microeconomia, tem muitas áreas interessantes e isso possibilitou que tivéssemos uma visão de muitas delas.

O modo, em grupo, como foi apresentado se tornou ainda mais claro, com a ajuda dos exemplos existentes, em nosso dia a dia e me ajudou a combater a vergonha e dividir meus conhecimentos e minhas pesquisas com toda a sala.

Análise da trajetória (auto)biográfica

Após a conclusão da minha trajetória (auto)biográfica, o que admito não ter sido fácil, eu a re-li de forma a refletir sobre cada palavra, com o intuito principal de entender como eu me tornei o que hoje sou: um professor formador de contabilistas e tomadores de decisões.

Quem é, afinal, este profissional contábil? Em meus comentários, em sala de aula, eu adianto aos meus alunos que onde houver uma organização, qualquer que seja o setor econômico a que pertença e qualquer que seja a sua classificação: pequena, média ou grande, sempre estará ligada a ela, a figura do profissional contábil. Iudícibus e Marion (2000) estabelecem a sua relevância quando apontam para o estudante de Ciências Contábeis, como tendo, entre outras, *inúmeras alternativas* dentro do mercado de trabalho: Contador (de Contabilidade Financeira, de Contabilidade de Custos e de Contabilidade Ge-

rencia), Auditor (Independente e Interno), Analista Financeiro, Perito Contábil, Consultor Contábil, Professor de Contabilidade, Pesquisador contábil.

Para desempenhar as suas funções, o profissional da contabilidade deve possuir, além de sólidos conhecimentos contábeis, aqueles na área de Finanças, de Economia e de Gestão. São indispensáveis, também, os conhecimentos nas áreas de Ciências Humanas (Antropologia, Filosofia, História, Sociologia, Ciência Política, Economia, Geografia, Direito, entre outras), Ética e Responsabilidade Social.

O Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo – CRCSP, em parceria com a IOB Thomson, preparou uma cartilha onde são comentadas as regras do novo Código Civil, *de forma especial para os Contabilistas*. Pedro Ernesto Fabri, presidente do CRCSP comentou que a partir de 11 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 *trouxe uma série de modificações, tanto para a sociedade civil, como para as empresas*. Por intermédio do site http://www.crcsp.org.br/portal_novo/entendendo_codigo_civil/Index01.htm, ele incentiva o Contabilista a

conhecer em profundidade todas as nuances da nova lei, é indispensável para o profissional que assessora as empresas nessa nova fase.

Além de ter de se adaptar às novidades apresentadas pelo Novo Código Civil para as empresas, o Contabilista deve ficar atento e interpretar com clareza as novas responsabilidades técnicas para o profissional da Contabilidade impostas pelos Artigos 1.177 e 1.178. Assim que o Novo Código Civil foi promulgado, o CRC SP preocupou-se em divulgá-lo maciçamente. Colocamos no site do CRC SP um link especial com todas as abordagens publicadas sobre o assunto e organizamos vários seminários e palestras, na capital e no interior; não apenas para difundir, mas, também, para interpretar todas as minúcias da lei. O CRC SP iniciou, já em agosto de 2002, a série de eventos que debatem com os Contabilistas o Novo Código Civil. Desde então, tivemos cerca de 8 mil participações nos seminários e palestras e, devido ao enorme interesse despertado na classe dos Contabilistas, estamos sempre programando novas edições dos eventos. Esperamos que, com este excelente manual, o Novo Código Civil seja mais um instrumento para o Contabilista realizar com excelência seu trabalho, indispensável para o mundo dos negócios e a sociedade em geral.

Uma das partes desta cartilha faz menção exclusiva à responsabilidade do Contabilista, que

foi severamente ampliada com a entrada em vigor do novo Código Civil, podendo ele responder pessoal e solidariamente perante a empresa (empregador, ou contratante no caso de escritórios de contabilidade) e terceiros, com patrimônio pessoal (arts. 1.177 e 1.178). Responderá pessoalmente quando agir com culpa e solidariamente quando agir com dolo. Assim como no direito penal, perante o novo código, age com culpa aquele que age com imprudência, imperícia ou negligência, sendo o resultado alheio à vontade do agente. Por outro lado, age com dolo aquele que conhece o resultado de sua ação e mesmo assim a pratica; portanto, o resultado é esperado. Conforme disposição do próprio código, contabilistas e outros auxiliares estão incluídos como prepostos.

Diante desta ampliada responsabilidade, reforço que este profissional deverá possuir uma estrutura, cada vez mais sólida de conhecimentos e, sobretudo, tendo por base a ética.

Não posso deixar de citar, neste momento, a prática reflexiva de Schön (2000), com o seu conhecer-na-ação, a sua reflexão-na-ação e a própria reflexão sobre a reflexão-na-ação. Ele lembra que

os educadores questionam de que forma profissionais maduros podem ser ajudados a renovar-se de modo a evitar o esgotamento e como eles podem ser ajudados a construir seus repertórios de habilidades e idéias de forma contínua. (Schön, 2000)

Assim, apurei, que se nós, docentes, devemos vivenciar estas práticas nas nossas salas de aula, por que não utilizá-las, também, para re-pensar e re-fazer a nossa prática pedagógica. Desta forma, re-construiremos o nosso relacionamento com o aluno, o que o incentivará a um melhor desempenho escolar, estimulando-o a uma maior construção de conhecimentos técnicos e éticos, por intermédio, principalmente, da utilização do ferramental da pesquisa.

A minha trajetória formativa foi marcada pelo contraste que existiu entre a rigorosidade dos professores na escola francesa e a maneira amorosa com que a minha mãe conduzia as nossas (minhas e as do meu irmão) tarefas de casa. Nestes momentos, tudo era mais claro, mais compreensível, aprendíamos mais. Ela ensinou-me a desenhar os mapas dos países à mão livre. Apropriei-me do conhecer-na-ação, de Schön, para identificar como minha mãe nos fazia

compreender. Demo (2005) enfatiza que o aluno só *leva para a vida não o que decora, mas o que cria por si mesmo*, e continua, conceituando que

o professor é sobretudo motivador; alguém a serviço da emancipação do aluno, nunca é a medida do que o aluno deve estudar. O aluno é a nova geração do professor; o futuro mestre, não o laçao que precisa de cabresto. Em vez do pacote didático e curricular como medida do ensino e da aprendizagem, é preciso criar condições de criatividade, via pesquisa, para construir soluções principalmente diante de problemas novos.

Para mim, o período entre 1965-1980 foi uma época marcante e de muito rica aprendizagem, uma vez que foi o tempo da vida de meu irmão Rubens, (Rubinho, como nos o chamávamos), com Síndrome de Down. Foi um momento *charneira*, em que a minha vida tomaria outros rumos. Foram anos em que tivemos que aprender sobre a síndrome, falar com os médicos, com assistentes sociais, com as pessoas que possuíam algum conhecimento a respeito. Foi um dos períodos mais produtivos da minha vida. Formei-me Técnico de Contabilidade, Economista, casei com Rosa, tivemos os nossos três filhos, saí de uma firma para entrar na Ford, e ainda me envolvi com a síndrome, os médicos, escolas especializadas. Conhecemos muitos meninos e meninas com síndrome, e o que vimos, (meus pais, irmãos, minha esposa e eu), foi muito amor e muito trabalho. Aprender a lidar bem com nosso próximo, independente de quem quer que seja, aprender coisas novas para encontrar soluções e estas serem discutidas, aprender a crescer e ensinar os outros seres humanos, por meio de nosso exemplo, isto é o que importou e o que realmente importa.

Na época da formatura de Bacharel em Economia, aparece no Juramento a expressão *ética profissional* que reflete o caráter de determinadas pessoas. Ser Multiplicador de Ética em minhas palestras na Ford fez-me entender o seu sentido mais profundo: uma postura pessoal, um estado de espírito que se mostra no ser humano. Freire ([1996] 2000) comenta da *decência e boniteza de mãos dadas*, quando se refere à prática educativa que *tem de ser; em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza*.

De todos os cursos que eu fiz, a pesquisa se mostrou muito mais presente no Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica, porém somente, com o intuito de aprofundar os conhecimentos nas diversas disciplinas da área contábil. Os seminários nos quais eu estive envolvido poderiam me habilitar a ministrar aulas no ensino superior, porém, faltou a devida bagagem pedagógica

e mesmo didática, incluindo-se o conhecimento da utilização da pesquisa como uma estratégia de ensino.

No Mestrado em Educação, por exemplo, além dos estudos específicos sobre pesquisa, com um foco mais voltado para o qualitativo, muito foi dito e discutido em sala de aula sobre o seu uso como ferramenta de ensino.

Tenho feito da minha sala de aula um verdadeiro espaço experimental, onde a pesquisa passou a ser a palavra de ordem. Minha proposta tem se mostrado mais coerente para os alunos. Há sempre manifestações a favor e contra, porém o meu desafio é o de mostrar-lhes que a utilização da pesquisa para adquirir conhecimentos é uma excelente ferramenta, que deve ser aplicada para uso próprio e mesmo para o uso da empresa, uma vez que esta, também, se vale dela para o conhecimento do mercado. Neste processo, eu me torno um docente problematizador, uma vez que nele há, sempre, um interagir do aluno. Uma das tarefas do docente, como Freire ([1996] 2000) enfatiza é *também ensinar a pensar certo*, onde

os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador; igualmente sujeito do processo.

